

As práticas de velamento na cidade de Bagé-RS-Brasil

Cultura material e visual

Elaine Maria Tonini Bastianello¹
Fábio Vergara Cerqueira²

RESUMO: Examinar o ritual de velamento e o aparato de adornos funerários na cidade de Bagé³ significa contar parte de sua história. Sob a perspectiva da cultura material e visual, buscaremos compreender as atitudes cotidianas dessa sociedade, suas transformações, seus valores religiosos, morais, como tantos outros, revelando importantes aspectos de sua memória. Esta prática nos relata a forma desta sociedade se portar e se enfeitar diante da morte nos primórdios do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: *Funeral, Pompa, Adornos.*

ABSTRACT: To examine the funeral ritual of wake and the apparatus of funeral decorations in the Bagé city means telling its history. Under the perspective of the material and visual culture, we search to understand its daily attitudes, its transformations, religious and moral values, as well as many others, what enables us to reveal important aspects of the memory of this society. This practice tells us the behavior and adornments of this society front of death in the twentieth century.

KEY-WORDS: *Funeral, Splendor, Adornments.*

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasil. Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), Brasil. Membro da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC), Brasil, e membro do Núcleo de Pesquisas Históricas Tarcísio Taborda (NPHTT), Brasil.

² Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. Doutor em Antropologia Social, com concentração em Arqueologia, pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Na Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), Brasil, Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) e do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (LECA), coordenador do Museu Etnográfico da Colônia Maciel e do Circuito de Museus Étnicos; professor do Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural e do Mestrado em História.

³ “Ao examinar a história de Bagé, percebemos que sua formação se confunde com a do exército brasileiro. O surgimento desta cidade está ligado à instalação de um acampamento militar, na encosta do cerro à margem do Arroio Bagé, em 1811. Nessa época, os seus campos já eram ocupados por estancieiros para a criação de gado. Esta região, por ser de fronteira, sempre ocupou posição estratégica na política e na defesa do território nacional. Por essa razão, desencadeou-se muita afinidade entre os militares e seus habitantes” (Bastianello,2010).

Introdução

Trazer como tema de pesquisa as práticas de velamento na cidade de Bagé significa examinar a história do cotidiano e as transformações ocorridas na sociedade, através dos rituais, da cultura material e da cultura visual funerário. Através da simplificação deste ritual e de todos os seus aparatos funerários é possível entender a morte e o ato de morrer em sociedade, bem como a forma desta se manifestar por meio dos seus sepultamentos.

Atualmente, vivemos em tempos que podemos caracterizar como descartáveis, em que prevalece a cultura do individualismo e do hiperconsumo, pautados no presente. Período denominado, pelo sociólogo polonês contemporâneo Zygmunt Bauman (2007, p. 106-151), de *Modernidade líquida*, por dissolver os nós instituídos pela sociedade moderna na fabricação dos modos de viver. Tais condições podem ser observadas nas relações da atual sociedade com a morte, pelas novas formas de enterramentos através de gavetas, de cremação e nos novos ritos fúnebres realizados pela internet. Assim, a contemporaneidade se ocupa em derreter os sólidos, não para colocar outros valores mais duráveis, mas mais fugazes, no tempo e na materialidade. Diante dessa liquidez escorregadia, desses tempos nos quais toda a pompa fúnebre e, conseqüentemente, o luto, se diluíram no ar, como fica a questão da memória, a questão das práticas cotidianas de inumações desta sociedade? Uma das técnicas para se obter respostas, nas Ciências Humanas, é praticar o estranhamento. E, para tanto, vamos visitar as práticas de velamento de Bagé, entre o final do século XIX e início do XX.

A aproximação aos sentimentos e significados envolvidos nos velórios não é tarefa fácil, não parecendo suficiente recorrer apenas aos registros escritos oficiais, que reportam a dimensão formal destes eventos sociais, imbuídos de outro lado de elevada carga afetiva. Na impossibilidade de se realizar uma observação

participante, mas comprometidos com a busca de uma visão endógena, procuramos diversificar nossas fontes, de modo a produzir uma visão mais ampla. Assim, cotejamos registros que disponibilizam ângulos diversos, colocando em diálogo documentos escritos (sobretudo periódicos), testemunhos orais e iconográficos (sobretudo material impresso e fotografias antigas). Estes testemunhos evocam aspectos da cultura material e visual associada a estes rituais, de sorte a possibilitar uma visãoêmica deste fenômeno da vida funerária.

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e as empresas encarregadas dos funerais

Conhecer a *Primeira Divisão do Cemitério da Santa Casa de Caridade⁴ de Bagé* significa deparar-se com uma riqueza material que está registrada no mármore dos seus jazigos e mausoléus. Esses monumentos funerários foram encomendados pelas famílias abastadas na intenção de glorificar a memória do sepulto. As marmorarias, para aumentar as vendas e vencer a concorrência, enviavam catálogos como dispositivos para atrair clientes. Nesse sentido, é comum encontrarmos túmulos similares em outros espaços de inumações. Na secretaria da funerária do *Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé*, existe um álbum fotográfico de túmulos da empresa *Lonardi, Teixeira & Cia*, da cidade de Porto Alegre. Este álbum, que podemos classificar como *catálogo*, servia de propaganda de diferentes modelos de túmulos, para as famílias escolherem o modelo de sepultura.

Neste campo santo, encontramos túmulos com assinatura de estrangeiros, ao mesmo tempo em que nos deparamos com uma diversidade de assinaturas de empresas das cidades de Pelotas e Porto Alegre. No início do século XX, época áurea da utilização do

⁴ O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé é datado de 1858. Sendo o quinto espaço central de sepultamento desta cidade. Ali estão sepultadas as ossadas dos outros cemitérios.

mármore de Carrara, a grande produção de arte funerária em Bagé ficou a cargo do espanhol José Martinez Lopes, que mais adiante neste texto será pontuado.

Esse luxo não se limitava à edificação tumular, o mesmo ocorria quanto ao processo de velamento do morto. Deste modo, a cidade contava com várias empresas funerárias que possuíam toda uma estrutura de enfeites, os quais tornavam o velório tão luxuoso quanto os jazigos e mausoléus. As empresas disponibilizavam uma grande quantidade e variedade de artigos, alguns vindos diretamente da Europa, proporcionando à elite econômica desta sociedade exibir, em seus velórios, uma verdadeira pompa funerária. As famílias abastadas ainda contratavam essas empresas para realizar o transporte do caixão, do local do velório até o cemitério, num pomposo carro funerário adornado com motivos mortuários e sacros.

Nesse sentido trago a imagem do carro funerário de empresa *La Uruguaya* (FIGURA 01), que apresenta vários adornos. Supomos ser uma das mais antigas empresas funerárias da cidade, pois o veículo que conduz o defunto até o espaço de sepultamento é ainda movido por tração animal.

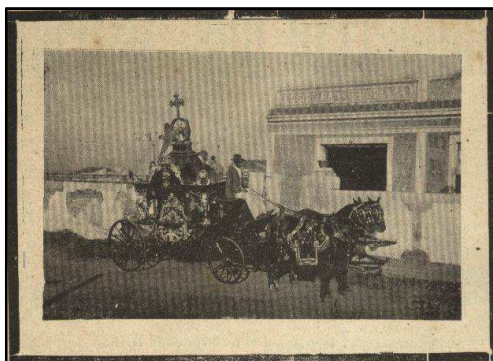


Figura 01

Carro funerário da empresa *La Uruguaya*.

Fonte: Guia Bemporat, p.606. Museu D. Diogo de Souza.

Nesta cidade percebemos a influência do país vizinho até no nome das empresas de pompas fúnebres como é o caso da empresa *La Uruguaya*, o que nos remete, também, à forte presença de imigração de língua espanhola em Bagé, com influência sobre a elite local. Esta empresa funerária pertenceu ao Sr. Bernabé Amorin, que oferecia aos seus clientes um serviço fúnebre da mais elevada importância, atendendo também aos mais humildes. Neste estabelecimento comercial se vendia tudo o que se relacionasse com o ramo funerário, tais como coroas, fitas, letras, franjas gregas, galões e lantejoulas. Isso tudo a preços módicos.

Segundo o Sr. José Francisco Vidal Sacco⁵, em relato à autora em junho de 2011, esta cidade teve como uma das empresas fúnebres mais antigas a funerária pertencente à família Medici⁶, cuja antiguidade pode ser constatada pelo anúncio de jornal (FIGURA 02), no qual sua carruagem funerária aparece também movida por tração animal.



Figura 02

Anúncio da Empresa Funerária da família de Francisco Medici.

Fonte: Jornal *O Dever*, 18 de fevereiro de 1915. Museu D. Diogo de Souza.

⁵ José Francisco Vidal Sacco filho do imigrante italiano Bráz Luis Sacco, proprietário da Funerária Nossa Senhora Auxiliadora. Este estabelecimento de pompas fúnebres foi fundado do ano 1942 e atuou por mais de meio século nesta cidade.

⁶ Esta funerária pertencia aos pais do ex-presidente da República, o bageense Emílio Garrastazu Medici.

A empresa *Medici* disponibilizava, à família do morto, uma variedade de serviços que contemplava desde o cortejo fúnebre e o completo serviço funerário até o fornecimento da certidão de óbito. Esta firma era uma empresa familiar que foi administrada pela mesma família, passando de pai para filho e atravessando gerações, durante algumas décadas, na cidade de Bagé.

No final do século XIX, foi inaugurada a *Casa Armadora*, de propriedade do imigrante português Sr. João Lopes da Silva, especializada em vários serviços, inclusive funerários. Conforme mostra o anúncio do jornal (FIGURA 03), a *Casa Armadora* apresentava um serviço diferenciado e único, tanto em Bagé como na cidade vizinha de Dom Pedrito, pois não se restringia à elaboração de um funeral, pois se encontrava estruturada para organizar outros eventos, tais como: preparar altares para batizados, casamentos, salas para bailes, ornamentos de ruas, teatros, andores, palanquins para procissão cívica e para missas fúnebres.



Figura 03

Anúncio da Casa Armadora, estabelecimento funerário.
Acervo: *Jornal O Dever* 06 de agosto de 1916. Museu D. Diogo de Souza.

A *Casa Armadora*, muito bem preparada, contava com uma diversidade de adornos para serem utilizados em rituais religiosos, como coroas, franjas, cordões, lantejoulas, grinaldas para anjinhos, velas para promessas, etc. A empresa dava uma bonificação à Santa Casa de Caridade toda vez que seu carro fúnebre participava de um cortejo.

A empresa de Túlio Lopes

A *Casa Armadora* contou com o gerenciamento de Túlio Lopes⁷ (Figura 4), que herdou este estabelecimento funerário de seu pai, o Sr. João Lopes da Silva, e alterou o nome para *Funerário Lopes*, e, mais tarde, para *Funerária Nossa Senhora de Fátima*.



Figura 04

Anúncio da casa funerária de Túlio Lopes.

Acervo: Guia Ilustrado Comercial, Industrial e Profissional de Bagé, 1937. Museu D. Diogo de Souza.

Trago a fotografia do carro funerário que pertencia à Funerária Nossa Senhora de Fátima (FIGURA 05), de propriedade de

⁷ Túlio Lopes, proprietário da Funerária Lopes foi uma das figuras mais importantes da cultura desta cidade, sendo merecedor de um estudo sobre os seus feitos.

Túlio Lopes. É pertinente pontuar que esta fotografia foi impressa a partir seu original, que é um negativo em vidro, que integra coleção da própria autora.

No interior desse carro funerário, desempenhando a função de condutor deste veículo, temos o Sr. Casto Secundino Pintos, de nacionalidade uruguaia.



Figura 05

Carro funerário que pertenceu à Empresa Nossa Senhora de Fátima.
Acervo: Fotografia pertencente à autora.

Interessante destacar que este veículo apresenta quatro penachos negros e um anjo no topo, que se encontra atualmente salvaguardado na sala religiosa do Museu D. Diogo de Souza, desta cidade. Suas laterais possuem adornos em bronze e quatro imagens de santo, esculpidas em madeira.

Em relato à autora, sobre este assunto, Mário Lopes⁸, no dia 21/11/2011, aos seus 89 anos, conversando sobre o cortejo

⁸ Mário Nogueira Lopes, único filho varão de Túlio Lopes. Foi chefe redator do Jornal Correio do Sul de Bagé por 40 anos. O amigo Mário é o homem que se preocupou em guardar os pertences de seu pai. Ele é a memória desta cidade. O reconhecimento para a cultura local se dá a partir do momento em que, ainda em vida, foi contemplado com uma sala no Museu Dom Diogo de Souza.

funerário de seu pai Túlio Lopes, o então proprietário da *Funerária Lopes*, contou o que segue:

Nunca vi nesta cidade tamanha manifestação de carinho com o morto. O caixão do meu pai saiu do Clube Recreativo, passou pela Catedral, onde foi realizada uma missa de corpo presente. Sendo o caixão sempre carregado nos ombros por amigos até o Cemitério da Santa Casa de Caridade. [...] Ser carregado pelos amigos é uma das maiores honrarias que o morto poderia ter.

Assim o cortejo fúnebre de Túlio Lopes, se deslocou do *Clube Recreativo* até o *Cemitério da Santa Casa de Caridade* (FIGURA 06).



Figura 06

Cortejo funerário de Túlio Lopes.

Acervo: Fotografia pertencente a Mário Nogueira Lopes.

Merece destacar que a Funerária Nossa Senhora de Fátima teve como funcionário o escultor marmorista José Martinez Lopes⁹, que trabalhou na empresa de Túlio Lopes até falecer em 1952. Este marmorista¹⁰ foi o responsável pelo maior número de rubricas encontradas nos jazigos do *Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé*.

A cidade de Bagé contou, e ainda conta, com os serviços de várias empresas fúnebres, mas a intenção deste artigo não é contar a história das funerárias numa sequência cronológica e sim pontuar alguns registros que evidenciam o ritual do velório.

Nesse sentido, também ficava a cargo das empresas funerárias a confecção dos santinhos, que eram lembranças de morte, do estimado defunto. Estas empresas fúnebres possuíam álbuns com um diversificado repertório de santinhos, para que as famílias enlutadas pudessem escolher. Os santinhos geralmente eram distribuídos no final da missa de sétimo dia. Também era uma prática comum ofertar estas lembrancinhas mortuárias na missa de um mês, de seis meses e de ano de passamento.

Trago um santinho (FIGURA 07) que pertenceu ao álbum da *Funerária Nossa Senhora de Fátima*¹¹. Nos modelos mais antigos, a fotografia do morto era colada no santinho, que era confeccionado em preto e branco. Mais adiante, percebemos que as fotografias já vinham impressas nas lembrancinhas, ainda em preto e branco. A partir dos anos de 1970, as lembrancinhas ganharam cor, mas a foto do morto continuou em preto e branco.

⁹ O imigrante José Martinez Lopes nasceu em 12 de junho de 1868, em Almeria, na Espanha, e faleceu na cidade de Bagé, no dia 27 de novembro de 1952. Membro da *Sociedade Hespânica de Socorros Mútuos* de Bagé, seus restos mortais foram depositados no *Panteón da Sociedade Hespânica*. Martinez participou de concursos, conquistando a medalha de ouro, em nome da *Casa Aloys* de Porto Alegre, na *Exposição Nacional* de 1908, realizada no Rio de Janeiro, então capital. Tal fato trouxe reconhecimento nacional para a *Casa Aloys*.

¹⁰ Para saber mais sobre as atividades tumulares de José Martinez Lopes, ver: Bastianello, 2010.

¹¹ A autora ganhou do filho de Túlio Lopes, o Sr. Mário Lopes, vários santinhos funerários e dois álbuns com os modelos de lembrancinhas de batismo, comunhão, crisma, casamento, bodas e de morte, que faziam parte do mostruário da Funerária Nossa Senhora de Fátima.



Figura 07

Santinho funerário.

Acervo: Santinho pertencente à coleção da autora.

Esses artefatos, que foram elaborados para manter viva a memória da pessoa falecida, apresentavam frases como: “Bem aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”; “Santa é a morte daqueles que souberam viver em paz”; “Viveu querendo a todos, morreu querida por todos”; etc.

Percebemos que esse modelo de registro de morte foi escamoteado. Essas práticas de compartilhar a memória do falecido através de um santinho se ausentaram com o passar das décadas. Na atualidade, certamente, tais procedimentos causariam estranhamento, pois fazem parte de outro contexto. Nessa perspectiva, entendemos que os aparatos com relação aos rituais de velamento se esvaziaram e até se laicizaram.

Os velórios caseiros

Era uma prática cotidiana das funerárias da cidade estampar na fachada de sua sede o convite com o nome do morto para os funerais, que se realizavam nas residências; os velórios. Nestes,

além do caixão com o morto, participavam os familiares, os amigos e até pessoas não conhecidas da família, que se aproveitavam desse momento de dor para entrar na casa.

Os velórios viravam a noite e na maioria dos casos costumava-se velar o defunto por 24 horas. Esse ato acontecia dentro da casa do morto, na qual a família perdia toda a sua privacidade perante o amontoado de visitas que vinham, para se solidarizar com os familiares que sofreram a perda.

Maranhão (1995, p. 17) aponta que:

O velório por sua vez não se realiza mais na casa da família, onde o corpo ficava exposto na sala de visitas, cercado de parentes e amigos. O novo costume cada vez menos tolera a presença do defunto em casa, seja por razões de ordem higiênica, seja pela ausência de condições psicológicas para enfrentar a realidade.

Na hora do deslocamento para o sepultamento no cemitério, o carro fúnebre estacionava na frente da casa e os homens mais próximos ao morto carregavam o caixão até o carro funerário, procedendo a um cortejo de carro ou a pé até o local de sepultamento. Mas aqui temos um registro diferente (FIGURA 08): o caixão não se encontra no carro funerário e sim num carrinho, de uso do cemitério, e este está sendo acompanhado pela multidão na direção do *Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé*, para realizar o sepultamento.



Figura 08

Cortejo funerário na Rua Marechal Floriano.

Acervo: Fotografia pertencente ao Sr. José Francisco Vidal Sacco.

O autor comenta ainda que:

No dia do enterro, o defunto era acompanhado por todos os seus conhecidos, que vinham de novo para escoltá-lo em sua última viagem. Lenta e cuidadosamente, a procissão fúnebre atravessava o espaço no qual ele vivera. Chegando à igreja, era submetido aos ritos necessários a sua purificação (...). Da igreja o defunto era conduzido ao cemitério, a sua “última morada” onde, mais tarde receberia visitas mais ou menos frequentes que depositariam flores sobre seu túmulo, sinais de que ela não seria definitivamente esquecida.

Naquela época o ritual de sepultamento era acompanhado das manifestações de dor da perda do ente querido. As famílias

ficavam por meses enclausuradas, em luto fechado. O autor ainda pontua que, desse modo, se morreu por séculos, mas:

De cinqüenta anos para cá, as atitudes do homem ocidental perante a morte e o morrer mudaram profundamente, ocorrendo uma verdadeira ruptura histórica. Evidentemente, muitos traços ainda lembram os antigos costumes, porém, o sentido original foi esvaziado. A morte tão presente, tão doméstica no passado, vai se tornando vergonhosa e objeto de interdição.

Nessa mesma direção Elias (2011) destaca:

O morrer é no presente uma situação amorfa, uma área vazia no mapa social. Os rituais seculares foram esvaziados de sentimento e significados; as formas seculares tradicionais de expressão são pouco convenientes. Os tabus proibem a excessiva demonstração de sentimentos fortes, embora eles possam acontecer.

Percebemos que, na atualidade, a morte é tratada às escondidas, sendo um assunto de preferência pouco comentado, exigindo da família enlutada um autocontrole de seus sentimentos. Ela e toda essa pompa¹² de carruagens, franjas, santinhos e luto

12 Paralelamente a essa subtração, o espaço de sepultamento também sofreu uma mudança radical. Os grandes túmulos foram substituídos por túmulos coletivos, as gavetas (os chamados cemitérios verticais, podendo ter vários andares) e os adornos muitas vezes se limitam as flores plásticas. Além de toda essa banalização, ainda temos a cremação, cada vez mais solicitada em vida. Esta prática pode ser considerada como a extinção do ser, no que se

foram subtraídas num ritual simplificado e prático, no qual as luzes artificiais nas capelas mortuárias são os maiores adornos para com o defunto.

Mas nem sempre os velórios ocorriam em residências. Os velórios na cidade de Bagé, para os carentes, também aconteciam no necrotério da *Santa Casa de Caridade*, como destaca a imprensa local. No jornal *Minuano*, de 18/08/2007, lemos o seguinte:

Velórios também eram realizados no necrotério da Santa Casa de Caridade, com frente para o Félix da Cunha. Já o “bate-bate”¹³ - uma carroça fechada, tipo baú, puxada por cavalo – saía diretamente da Santa Casa em direção ao cemitério, conduzindo os indigentes, então sepultados no chão.

Desta forma entendemos que somente as classes sociais mais abastadas tinham o direito a um velório pomposo. Já os desprovidos são subtraídos desta prática de velar seus mortos com a pompa da elite, sendo que, na maioria das vezes, não tinham nem a possibilidade material para custear as despesas inerentes ao enterramento de um familiar.

No final da década de 1970, nesta cidade, o provedor da *Santa Casa de Caridade Bagé*, o Sr Jônio Ferreira de Salles¹⁴, foi o mentor da criação das capelas funerárias que são até hoje o local de velamento desta cidade. Já o jornal *Minuano*, de agosto de 2007,

refere à materialização de sua memória, pois não se tem o túmulo, nem a lápide, sendo uma verdadeira perda da lembrança do morto para os vivos.

¹³ “Bate-bate” é o nome-apelido atribuído ao carro funerário dos indigentes da cidade de Bagé. Esse nome se deve a este veículo de tração animal apresentar um barulho semelhante a uma catraca de madeira, característico desta carroça fúnebre, que assim anunciava a sua passagem pelas ruas desta cidade.

¹⁴ Provedor da *Santa Casa de Caridade de Bagé*, entidade mantenedora do principal cemitério do município.

numa reportagem, trata da edificação das capelas funerárias e faz as seguintes colocações:

Havia posições divergentes, pessoas chegavam a dizer não admitir que alguém de sua família fosse velado em outro local que não fosse a própria casa.

Mas com a inauguração, em 3 de dezembro de 1978, das capelas de velórios “Padre Germano”, homenagem à memória do destacado salesiano falecido.

Entendemos que a construção das capelas funerárias contribuíram para o processo de “esconder” o velório, tirando-o do espaço dos vivos e transportando-os para o espaço dos mortos, já que as capelas se localizam no próprio cemitério.

Processo análogo aconteceu há mais de um século e meio, quando se proibiram os sepultamentos dentro das igrejas, em locais fechados, e se criaram os espaços abertos, exclusivos para a inumação dos mortos, os cemitérios.

Não obstante em épocas diferentes, os deslocamentos, ocorridos com os sepultamentos e velamentos, foram os mesmos: antes, os sepultamentos, transferidos da igreja para os cemitérios, agora, os velórios, das residências-hospital para as capelas. Em ambos os casos, ocorreram mudanças radicais nas práticas cotidianas, mudanças culturais que a sociedade acabou por assimilar.

Considerações finais

Assim como a construção de monumentos tumulares rubricados se exauriu em nossa sociedade, também as práticas de cortejos funerários se alteraram. Toda pompa anteriormente empregada na ritualização do velamento e do sepultamento teve o

mesmo fim, em função da modernização e laicização do homem e da sociedade, que incidiu também sobre a morte.

Percebemos que essas práticas estavam diretamente imbricadas com a religiosidade presente na sociedade bageense e que tudo isso, aos poucos, sem percebermos, foi sendo subtraído do nosso cotidiano.

Os registros iconográficos analisados, sejam fotografias e negativos preto-e-branco, sejam santinhos ou anúncios de jornais, ilustram a complexidade da cultura material e visual constitutivas das práticas de velamento, o que, ao proporcionar um profundo estranhamento com relação à atitude atual diante dos mortos, indica um rápida mudança no que se refere ao tratamento social e cultural da morte.

Estudar esta temática nos permite estabelecer algumas análises. Por exemplo, as projeções sociais sobre os rituais de morte: enquanto alguns grupos pertencentes às classes sociais abastadas poderiam usufruir de toda uma estrutura de adornos de luxo, como carros/carruagem enfeitados com penachos negros, outras classes, as desfavorecidas, ficariam limitadas ao bate-bate oferecido pelos serviços da *Santa Casa da Caridade* desta cidade.

A construção das capelas mortuárias pertencentes à *Funerária da Santa Casa de Caridade* contribuiu para modernizar a estrutura funerária da cidade de Bagé e, ao mesmo tempo, também para distanciar a sociedade do ritual de velamento caseiro, do cortejo fúnebre e da própria morte. Por fim, vivemos numa sociedade que praticamente se desapegou de seus jazigos e mausoléus e que tem pressa, na qual a principal preocupação está em celebrar a vida e não mais a memória de seus entes sepultados.

Referências Bibliográficas

- BASTIANELLO, E. T. Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950). 179f. *Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural)*. Programa de Pós Graduação do Instituto de Ciências Humanas, UFPEL, Pelotas, 2010.
- BAUMAN, Z. Vida líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ELIAS, N. A Solidão dos Moribundos. Rio de Janeiro: Zahar, 2011 (2001).
- MARANHÃO, J. L. de S. O Que é Morte. 4ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1992.

Fontes Documentais

Impressos

Fototeca Túlio Lopes do Museu D. Diogo de Souza.

Guia Bemporat, p. 606. Arquivo Jorge Reis do Museu D. Diogo de Souza. S/d.

Guia Ilustrado Comercial, Industrial e Profissional de Bagé, 1937. do Museu D. Diogo de Souza.

Jornal *O Dever* 18 de fevereiro de 1915. Arquivo Jorge Reis do Museu D. Diogo de Souza.

Jornal *O Dever* 06 de agosto de 1916. Arquivo Jorge Reis do Museu D. Diogo de Souza.

Jornal *Minuano* 18 de agosto de 2007. Arquivo Jorge Reis do Museu D. Diogo de Souza.

Entrevistas

Entrevista com o Sr. José Francisco Vidal Sacco.

Entrevistador: Elaine Maria Tonini Bastianello.

Realizada em Bagé, em Junho de 2011.

Entrevista com Mário Nogueira Lopes.

Entrevistador: Elaine Maria Tonini Bastianello.

Realizada em Bagé, em Junho de 2011.

Recebido em: 03/06/2012

Aprovado em: 17/07/2012

Publicado em: 15/09/2012